



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**ÉTICA E MORAL PARA ENGENHEIROS**  
 UFPR - ST - DEQ / DEBB



(Primeira redação em agosto/setembro de 2.012. Segunda redação em fevereiro/março de 2.013.)

**Observação preliminar:**

Em função das disponibilidades de tempo, agradeceria ouvir seus comentários e reflexões quanto ao texto abaixo.

**Uma análise da Ética e da Moral propostas por Jesus.**

Os ensinamentos ministrados por Jesus referem-se em grande medida, ao comportamento e tal fato justifica serem considerados aqui. Seus ensinamentos que tratam da conduta estão essencialmente inseridos no campo da moral, segundo a classificação já efetuada, e não da ética, no sentido que estão apresentados sem a preocupação de maiores explicações a nível racional. Por sua vez me parece mais adequado neste curso manter o enfoque principal na ética e na racionalidade. Em acréscimo, também já manifestamos o conceito de que pensamentos oriundos de esferas tais como da espiritualidade e da religião se inserem no campo da ética, desde que racionalmente justificáveis.

Interessante relembrar o fato de que a população brasileira e mundial tem de modo geral, suas atitudes fortemente influenciadas pela religião. Também de modo geral, podemos dizer que é das religiões a origem básica das regras morais. Através da pesquisa realizada pela Enciclopédia Britânica em 2.005, a maioria da população mundial (33,06%) declara-se como seguidora de um dos diversos ramos do cristianismo. Segundo o censo de 2010, realizado pelo IBGE, 86,8% da população brasileira declara-se cristã.

Tendo em vista o exposto, fiz o esforço de procurar transmitir os pontos que me parecem mais importantes das orientações deste expoente de nossa espécie, o que penso justificar-se-ia por si mesmo, como também procurar analisar e discutir e justificar racionalmente, na medida de minhas limitações, suas orientações. Como já comentado, as propostas morais, defensáveis pela lógica e pela indução, passam também à esfera da ética.

Fontes não bíblicas esparsas confirmam que Jesus é um personagem histórico bem como uma liderança judia que foi julgada e executada. As demais fontes são as bíblicas do Novo Testamento, além de inúmeras consideradas "não inspiradas" pelas lideranças cristãs, séculos após seu advento, rotuladas costumeiramente pelo termo "apócrifos".

Para a elaboração deste trabalho analisamos quatro textos que nos parecem mais pertinentes e fundamentais: O evangelho, ou boa nova de João, essencialmente místico e as boas novas de Marcos, Lucas e Mateus, descritivas, sendo a última a mais completa. Por sua vez, estes três últimos textos, segundo parte dos estudiosos do assunto, tem sua origem em dois outros mais primitivos, atualmente perdidos e conhecidos em alguns meios, pelos nomes de Proto-Evangelho de Marcos e o Manuscrito Q. Se considera a primeira redação destes quatro textos, como tendo ocorrido nos séculos I a III d.C.

Salvo melhor juízo, a maior parte dos demais textos do Novo Testamento, refletem as práticas e os costumes das diversas comunidades cristãs e os ensinamentos veiculados por suas lideranças. É oportuno destacar que a partir do Imperador Constantino, por volta de 300 d.C., a pluralidade de interpretações quanto à doutrina do Mestre foi proibida. Até então prevalecia uma interpretação mais ou menos livre quanto aos seus ensinamentos. No entanto, a partir daquela data, apenas uma linha de pensamento foi tolerada, sendo as demais, de uma ou outra forma, suprimidas ou pelo menos perseguidas. Assassinatos, coerções, queima de textos antigos foram algumas das medidas efetuadas em prol desta causa. Os cristãos discordantes da linha oficial estabelecida pelo Império Romano, foram perseguidos e eventualmente dizimados por heresia. Os não cristãos foram perseguidos e eventualmente dizimados por paganismo.

Por consequência e a princípio, o veiculado no Novo Testamento seria apenas o que não contradiz tal linha considerada oficial e a "correta", com exceções esparsas encontradas nos textos que possivelmente já não poderiam ser censurados, sob risco de extinguir o próprio fundamento bibliográfico da religião em fase de consolidação. (Para maiores esclarecimentos quanto ao acima exposto, o leitor tem a opção de consultar qualquer livro redigido por autor competente e imparcial, que trate da história do cristianismo.)

Jesus é reconhecido como oriundo de Nazaré, da região da Galiléia. (Mt 21,11) Entre a região da Galiléia ao norte e a Judéia ao sul, onde se encontra Jerusalém, tínhamos na época de Jesus, a Samaria. A Samaria era ocupada por um povo diferente do povo judeu, com costumes, numa certa medida, distintos. Na região da Galiléia existiam cidades com forte influência grega. Segundo alguns apócrifos, nestas cidades o pai de Jesus, juntamente com seus irmãos, exerciam com frequência a profissão de construtores. Sendo da Galiléia, Jesus era um cidadão do "interior" e como interiorano, facilmente reconhecido através do sotaque por aqueles da metrópole.

O ponto central da orientação para a conduta humana efetuada por Jesus me parece um bom ponto de partida para este texto e felizmente há o relato literal feito por ele quanto a isto. Perguntado quanto qual seria o maior mandamento da Lei, ele respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é tão importante como o primeiro: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Nestes dois mandamentos se resume toda a Lei e os Profetas." (Mt 22, 37-40; Mc 12, 29-31; Lc 10,27)

Para compreender racionalmente esta orientação é essencial entender por meio da razão o verbo amar, que tal como os verbos em geral, refere-se às ações. Ou seja, responder à pergunta, o que significa amar, da melhor maneira possível.

Para procurar entender o que amar significa, vamos analisar os sentimentos e as atitudes de algumas pessoas arquetípicas (indivíduos padrão) em relação a outras, pois amar se relaciona basicamente a um algo que é o objeto deste amor.

É bem clássica a consideração de que não há amor maior e mais puro do que a de uma mãe por seu filho. Por que afirmamos isto ou quais são as atitudes – comportamentos - desta mãe que nos fazem efetuar tal afirmação? Em síntese, uma mãe é capaz de se expor e suportar qualquer sofrimento em favor da prole. Tal comportamento é observável inclusive num sem número de espécies animais. Tal sofrimento é abraçado em prol do bem, como a própria sobrevivência ou em alguma medida, em nome da felicidade de tais pósteros. Mais uma vez, em síntese uma mãe faz bem ao seu filho, inclusive, se necessário sofrendo, e eventualmente ao preço de sua própria vida.

Analise agora o sentimento que envolve um casal. Para a primeira aproximação há normalmente uma forte atração, costumeiramente calcada nas características físicas de cada um. A ciência atual tem demonstrado neste sentido a influência inconsciente de qualidades relevantes ao interesse reprodutivo, como normalidade, simetria, características estruturais (por exemplo, quadris largos e seios grandes) e até mesmo o cheiro (ao que parece numa análise automática inconsciente de compatibilidade genética). Outras características também são mais ou menos inconscientemente analisadas como tom de voz e o desenvolvimento muscular. A maioria de nós tem experiência dos passos seguintes: aproximação e alguma forma de exibicionismo, o tocar (por exemplo, pegar nas mãos e abraçar), o beijar, o apalpar o corpo e suas zonas erógenas, e o fazer sexo.

Nesta fase pode-se observar que o interesse de cada um resume-se de modo simplificado à busca egoísta por prazer. Ao sentimento associado a esta busca, podemos denominar "paixão". Tal busca pode ser considerada a intenção da realização de um importante e intenso bem para si mesmo.

Caso ambos tenham obtido um bem satisfatório e haja a possibilidade que este se repita e aumente é bem possível que novos encontros ocorram. Associada à dinâmica da paixão, outros bens podem ser acrescentados. O parceiro pode nos proporcionar alegrias, novas experiências, novos conhecimentos...

De qualquer modo surge um novo impulso no casal, que é o desejo de "ficar junto". É mais ou menos clássica a postura dos namorados em se tornarem inseparáveis, permanecendo sempre que possível e adequado um ao lado do outro, tanto no cotidiano como em viagens.

Por outro lado, desde a fase que denominamos por paixão, pode começar a ocorrer um gradual enriquecimento dos sentimentos: cada indivíduo não busca agora apenas a sua felicidade e seu prazer, mas também gradualmente o prazer e a felicidade do outro. Ou seja, cada um não busca agora apenas o seu bem, mas também o bem do outro.

Por fim, observemos o que sente um filho em relação a sua mãe. Tal sentimento, quem sabe melhor denominado como impulso, pode ser visto de modo mais isento e puro em inúmeras outras espécies animais. Os filhotes no que nascem se agarram desesperadamente às suas mães ou delas ficam o mais próximo possível. Tal conduta é essencial para sua sobrevivência. Do mesmo modo, se é que podemos dizer que um bebê quer algo, é o de estar o mais próximo possível de sua genitora. Tal proximidade pretende óbvia e exclusivamente o seu próprio bem.

Tal filho numa etapa já bem mais avançada de seu desenvolvimento pode começar a ansiar não só por seu próprio bem estar, mas também pelo bem de sua genitora. Permanece, porém, normalmente constante a vontade de não se afastar da mãe e com ela manter vínculo.

Pelo exposto podemos concluir que aquilo que chamamos por amor é um sentimento complexo, com duas características fundamentais: uma essencialmente passiva que é a de desejar permanecer junto; unido. Outra basicamente ativa, de fazer o bem ao outro. Tanto uma como a outra forma de amor não afasta necessariamente a busca do bem a si mesmo. Em situação extrema, no entanto, como podemos observar no comportamento de uma mãe em relação ao seu filho, a ação de fazer o bem se torna prioritária em relação aquela de recebê-lo.

O relatado acima é verdadeiro e facilmente observável no presente, e obviamente na época de Jesus. Desta forma a sua recomendação moral pode ser reescrita:

"Permaneçais unidos, em união, em comunhão e fazeis o bem ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua mente. (\*) Permaneçais unidos, em união, em comunhão e fazeis o bem ao teu próximo como a ti mesmo."

A primeira frase é uma questão que envolve comportamento, mas também a crença em Deus. Não iremos analisá-la aqui. Entretanto é oportuno comentar que o único modo de procurar fazer bem a um Ser Onipotente e Pleno é de modo indireto, fazendo bem àqueles que este Ser ama. Passemos a observar a segunda afirmação.

Pela leitura da parábola conhecida como a do bom samaritano, pode-se entender que o termo "próximo" se refira a qualquer pessoa que estiver dentro de nossa área de atuação, independente de qualquer tipo de divergência. (Lc 10,29-37)

Tal noção de que próximos sejam todos aqueles ao nosso alcance é auxiliada pela recomendação de estarmos unidos com todos. Ou seja, sermos solidários ou termos por todos, empatia.

Em outro texto já mostramos que a principal linha de pensamento ético tem como seu postulado fundamental o de fazer o bem. A segunda das afirmações de Jesus (\*) reescrita acima implica diretamente, frente a isto, sua recomendação a sermos éticos fazendo o bem ao outro como a nós mesmos.

Porém o que é bem? É razoável afirmar que em muitos livros de filosofia se debate tal questão. Não me parece que se tenha chegado a uma base de consenso a respeito disto. Por outro lado, em termos práticos, cada um de nós tem um conceito formado do que é bom ou mau para si mesmo. A grande maioria das pessoas considera, por exemplo, ser mal ter fome ou sede e bom ser saudável, de modo que me parece o critério mais objetivo de fazer o bem, o se fazer aquilo que julgamos um bem a nós

mesmos. Ou seja, por exemplo, se vemos alguém com sede, já que nós consideramos a sede ruim para nós, aplacar tal sede na medida de nossas limitações. (Me parece oportuno confirmar se o outro efetivamente deseja ter sua sede saciada.)

Ao que tudo indica esta era a linha de pensamento de Jesus, pois no contexto da explicação de como o "Pai que está nos céus" se comporta, ele fez a recomendação com palavras tais como: "Portanto, tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei o mesmo também vós a eles: nisso está a Lei e os Profetas." (Mt 7,12) Ou então: "Fazei aos outros como quereis que os outros vos façam." (Lc 6,31)

Assim chegamos a uma redação mais esclarecida do princípio fundamental da ética proposta por Jesus: Fazer ao outro o que gostaria que fosse feito a mim, caso eu me encontrasse na mesma situação que ele.

Se analisarmos criticamente o que efetuamos até aqui, me parece que concluiremos que apenas procuramos entender melhor o significado de termos. Também me parece que conseguimos entender um pouco melhor a orientação fundamental de Jesus. No entanto, por falta de justificativa racional ainda nos encontramos no campo da moral. Não julgo que cometo algum erro, demonstrando agora que este também é um princípio ético – racional – através do emprego das técnicas de dedução e da indução.

O raciocínio dedutivo baseia-se na lógica. Por ela, duas ou mais afirmações verdadeiras chegam a uma conclusão, uma nova afirmação, verdadeira, desde que tais afirmações, premissas sejam verdadeiras e de que tais premissas acarretem logicamente na conclusão. Ou seja, a partir de duas premissas, se elas acarretam logicamente na conclusão, dizemos que o raciocínio é válido e caso as premissas sejam verdadeiras, consideramos a conclusão também verdadeira.

Passemos à argumentação:

Premissa 1: "Pessoas normais - racionalmente orientadas e sadias - almejam o bem para si mesmas."

Talvez pudéssemos considerar a restrição: "racionalmente orientadas e sadias" até mesmo um excesso de rigor em nossa argumentação, pois até anormais ou doentes, quando ao nosso ver, cometem loucuras contra si, as estão considerando um bem.

Premissa 2: "A concepção do que é 'bem' é variável de um indivíduo para outro."

Por exemplo, alguns consideram um bem comer carne e outros não.

Conclusão 1: "A conceituação individual de bem consiste naquilo que é almejado."

Salvo melhor juízo, tais premissas acarretam logicamente na conclusão, tornando o raciocínio válido. Salvo melhor juízo também, tais premissas são verdadeiras, de modo que a conclusão também o é.

Passemos a uma próxima dedução:

Façamos uma nova premissa, que é aquela que comprovamos no raciocínio anterior:

Conclusão 1 = Premissa 3: "A concepção individual de bem consiste naquilo que é almejado."

Acrescentemos agora uma nova premissa:

Premissa 4: "O essencial da ética (, comportamento individual adequado, ) é fazer o bem (a princípio ao outro).

Tive a oportunidade de ouvir tal afirmação diretamente do professor Rosala Garzuze, eminente docente de ética e de outras disciplinas da Universidade Federal do Paraná. Pelos textos já apresentados também já informamos que "fazer o bem" é considerado o fundamento mais consistente de toda a ética, pela enorme maioria dos estudiosos do assunto.

Podemos chegar então à Conclusão 2: "(Um modo de exprimir) o essencial da ética é ' fazer ao outro o que é almejado para o próprio indivíduo"

É nosso entendimento, mais uma vez, que as premissas acarretam logicamente na conclusão, e como elas são verdadeiras, a conclusão também o é.

Como a última conclusão é a expressão da orientação moral fundamental efetuada por Jesus e como nos parece que está racionalmente comprovada, podemos afirmar que também é uma expressão fundamental do campo da ética propriamente dita.

No entanto o leitor observará eventualmente a necessidade de uma complementação, referente à inserção do conceito de bem "a princípio ao outro".

Para tanto é nossa opinião a utilidade do raciocínio indutivo frente à ética evolucionária (ou natural).

O raciocínio indutivo é aquele que permite obterem-se conclusões provavelmente verdadeiras a partir da observação de fatos objetivos e é muito empregado numa série de ciências, tal como as de engenharia. É ele que nos permite considerar que se algo é verdadeiro em um determinado laboratório, provavelmente o será em todos os demais. Ou ainda, se um equipamento ou processo projetado ou desenvolvido com uma determinada técnica cumpre seus objetivos, outros do mesmo modo projetados ou desenvolvidos também o farão. É em síntese aquele que se baseia na observação.

A ética evolucionária consiste na observação da seleção e consolidação de comportamentos de seres vivos em geral e do homem em particular devido ao processo evolucionário.

No texto por nós elaborado sobre a ética evolucionária, procuramos mostrar que o altruísmo é um comportamento que vem se estabelecendo ao longo das eras nos seres vivos que vivem em coletividade, inclusive o próprio ser humano. O altruísmo individual favorece a sobrevivência dos grupos humanos e se consolida e desenvolve de geração em geração. Intensifica-se como instinto ou impulso inconsciente do ser. Tal impulso se constitui numa necessidade interior fundamental para o bem estar, a realização e a felicidade do próprio indivíduo que a pratica. Sendo a ética o estudo do comportamento adequado ao indivíduo e como o adequado a ele é o seu bem, sua realização e felicidade, justifica-se o porquê do fazer o bem ao outro. Em outros termos, fazer o bem ao outro atende um anseio fundamental do indivíduo; uma necessidade interior sua de ser útil, constituindo-se assim no bem também a si mesmo.

Fazer o bem ao outro é uma proposta vantajosa em relação àquela de fazer o bem exclusivamente a si mesmo. Num caso o benefício, se houver, é só daquele que pratica a ação. No outro, o benefício ocorre tanto para o agente da ação, quanto para o indivíduo foco do ato executado.

Outro ponto que me parece importante da ética de Jesus é a recomendação de não julgar eticamente a ninguém. Isto pode ser lido no livro de Mateus (Mt 7,1-5) e também no de Lucas (Lc 6,37-42). "Não julgueis para não serdes julgados, porque com o julgamento com que julgardes sereis julgados e com a medida com que medirdes sereis medidos."

Quanto à justificativa de tal conselho frente à ética propriamente dita, já elaboramos um texto específico. Nele, dentre outros pontos, comentamos o pensamento de Kant quanto à motivação e o de Sócrates quanto à ignorância humana.

Com respeito à idéia de reciprocidade contida na recomendação, já comentamos também um ponto de vista a respeito da psicologia humana. Na tenra infância, os julgamentos nos são introduzidos pelo meio externo. Gradualmente formamos critérios adicionais de julgamento e penalização de forma autônoma, como que treinando o nosso juiz e carrasco interior (superego). Se o poder deste juiz sobre a vida dos demais é relativo, é bem claro que ninguém está mais sujeito a ele que o próprio indivíduo que o treinou. Em complementação é interessante observar que na época de Jesus e também hoje, quem julga é também aquele que estabelece a pena e que providencia a execução da mesma.

Neste contexto nos parece estar também a recomendação de perdoar sempre a todos e a tudo, conforme Mt 18,21-22 e Lc 17,4 visto que não condenar é outra face de perdoar. É possível que possamos afirmar que o mesmo entendimento racional que nos permite não censurar eticamente a ninguém por qualquer atitude, acarreta em não desejarmos revanches ou guardarmos rancor. A propósito disto, como tem circulado nas redes sociais, guardar rancor de alguém é o mesmo que tomar veneno esperando que o outro morra.

Interessante observar que a moral mosaica defende, com a assim chamada lei do Talião (Olho por olho, dente por dente...) a reciprocidade de males. Se considerarmos o perdão um bem, tal recomendação de Jesus pode ser encarada como a neutralização dos mesmos.

Já comentamos em outras oportunidades que ninguém pode se considerar ético apenas em teoria. Ética é conduta adequada e conduta é ação. Este é claramente o pensamento de Jesus. "Pelos seus atos os haveis de reconhecer. Será que se colhem uvas de espinheiros, ou figos de urtigas? A árvore boa é que produz bons frutos, enquanto a árvore má é a que produz maus frutos." Mt 7,15-20 Mt 12,33 "...Todo aquele que põe em prática estas palavras é semelhante a um homem ajuizado, que constrói sua casa (a si mesmo) sobre a rocha." Mt 7,24-27 "Assim brilhe vossa Luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem a vosso Pai que está nos céus." Mt 5,16 "...Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a praticam." Lc 11,28.

Caridade é uma palavra originária do latim e se relaciona diretamente à palavra amor. A beneficência é uma de suas facetas mais facilmente visíveis. A prática da caridade é amor ao próximo. Quanto a isto afirma Jesus: "Felizes os misericordiosos porque serão tratados com misericórdia." Mt 5,7 "...Vinde, benditos de meu Pai! Porque tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era um estrangeiro e me acolhestes. Estava nu e me vestistes, doente e me visitastes, na prisão e me viestes ver. Cada vez que fizestes isso a um dos menores desses meus irmãos, a mim o fizestes." Mt 25,31-46 "Dai aos outros e os outros vos retribuirão; derramarão em vosso avental uma boa medida, bem cheia, sacudida e transbordante. Porque com a medida com que medirdes sereis medidos." Lc 6,38.

Digno de nota é o fato que de acordo com Jesus, o valor absoluto da doação é irrelevante. Seu valor real é sim proporcional ao quanto se tem, conforme Lc 21,1-4. Interessante também observar que a maioria, senão a totalidade das religiões mundiais, defende a caridade como ponto importante de conduta.

No passado e no presente vivemos numa perspectiva egoísta de vida. Almejamos que os outros nos façam coisas boas, mesmo considerando que pelas conclusões da ética evolucionária, nosso anseio inconsciente é o inverso. Ou seja, de sermos nós mesmos úteis aos demais. A postura de Jesus é a defesa do comportamento altruísta consciente, por meio da defesa do valor de servir. "Quem quiser fazer-se grande entre vós, será vosso servidor e quem quiser ser o primeiro dentre vós será o vosso empregado." Mt 20,24-28. "O maior dentre vós se faça vosso servidor. Quem se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado." Mt 23,11-12

Neste contexto o esforço produtivo humano pode ser encarado de dois modos. O primeiro como um trabalho; algo penoso e duro e cuja retribuição nunca é suficiente para recompensar o esforço que executamos em prol de nossos próprios interesses. A palavra trabalho vem do latim *tripalium*, que designava um instrumento de tortura, formado por três (tri) estacas agudas (*palum*). Esta palavra passou ao francês como *travailler*, que significa originariamente sofrer; sentir dor. O segundo modo de encarar a questão, é considerar o esforço produtivo como uma prestação de serviço; como um servir ao outro e neste enfoque de esforço como uma dádiva ao outro, qualquer dádiva tem um enorme e indeterminado valor.

Nesta linha, transmitindo um pouco de minha experiência pessoal, o exercício do magistério visando interesses pessoais ocasiona um sofrimento insuportável. A mesma atividade, almejando sinceramente o bem de outros, leva a uma satisfação indescritível.

Alguns mandamentos do judaísmo foram destacados por Jesus. Mais especificamente: não matar, não cometer adultério, não roubar, não proferir falso testemunho (mentir) e honrar pai e mãe. Tais regras facilmente se justificam através do princípio "fazer ao outro o que gostaríamos que fosse feito a nós mesmos, caso nos encontrássemos em situação semelhante". Ou melhor, se enquadra na base ética em sua forma passiva: "Não fazer o mal". Esta forma, por sua vez, gera um princípio também passivo: "não fazer ao outro, aquilo que não gostaríamos que fosse feito a nós mesmos".

Claramente uma pessoa normal não deseja ser assassinada, ou traída, ou roubada, ou enganada, ou ainda ser destruída e desconsiderada pelos filhos.

Cada um de nós tem sede de amor. Tal ponto também pode ser explicado pela ética evolucionária, pois a tendência de um grupo humano é a de descartar os indivíduos indesejáveis. Todos nós tendemos a desejar sermos bem quistos e vivermos em

harmonia com todos. Desta forma, podemos ler as recomendações de não matar o irmão. Mas também não odiá-lo. Não menosprezá-lo. Reconciliar-se com ele. Mt 5,21-26 Isto é, justamente o que almejamos para nós mesmos.

Há dois mil anos atrás no Oriente Médio, a sociedade tinha uma estrutura fortemente patriarcal. As mulheres eram totalmente dependentes do pai e depois do marido. Desta forma, repudiar uma mulher, dando-lhe carta de divórcio, praticamente a condenava à miserabilidade e/ou à prostituição. Penso que neste fato está baseada a recomendação de não divorciar. Mt 5,31-32 Mt 19,1-9.

As fórmulas de comprometimento antigas tinham a estrutura: Se eu fizer tal coisa, me aconteçam tais e tais coisas boas. Caso contrário, caso eu não as faça, me aconteçam tais e tais coisas ruins. Desta forma é uma estrutura que o próprio indivíduo impõe penas a si. No entanto o pensamento de Jesus se baseia fortemente no perdão, na não condenação e na não punição, como já mencionamos. Por outro lado podemos nos conceber como seres em contínua evolução e portanto, em contínua transformação. Consequentemente comportamentos passados tendem a ser modificados e aperfeiçoados. Uma fórmula de comprometimento tende assim mais a uma estagnação do que a uma evolução. Por fim, me parece fácil notar que com a dinâmica da vida, sujeita a contínuas modificações, jurar algo é o único e indispensável passo para se tornar perjuro. Estas reflexões me parecem justificar a recomendação de não fazer juramentos de forma alguma. Que vosso falar seja: sim, se for sim; não, se for não. Mt 5,33-35. De qualquer forma, juramentos praticamente já caíram em desuso na atualidade.

O orgulho pode ser considerado a raiz de todos os males humanos. Orgulho é por definição considerar-se e crer-se mais, maior, mais importante que os demais. A crítica realizada por alguém tem sua origem em geral, no fato que este alguém considera sua opinião superior a do outro. O criticado se ofende basicamente porque considera que um indivíduo inferior o está questionando. Um exército invasor e/ou saqueador considera os interesses do seu povo mais importantes do que o do povo invadido ou pilhado. Um ladrão quer um determinado bem a despeito do querer do proprietário. Os conflitos religiosos surgem pela crença de que uma é superior a outra. A escravatura negra se justificou pelo conceito que o homem branco era superior ao homem negro. A exploração econômica e a concentração de riquezas, se estabelece pelo conceito da diferença de valor entre os homens.

O orgulhoso quando circula entre os demais, pensa consigo mesmo: me apreciem; contemplem a minha superioridade. Em geral não é isto que ocorre, quanto mais se considerarmos a flutuação das opiniões das sociedades ao longo do tempo. E neste fato talvez resida o maior sofrimento ao qual o orgulhoso esteja sujeito.

Ninguém dentro da normalidade ama qualquer forma de agressão, quer seja física, emocional ou mental. Ninguém dentro da normalidade, diretamente envolvido numa guerra, ama a guerra. O nosso estado padrão para o bem estar e a felicidade é a ausência de conflitos. É a tranquilidade. Tal tranquilidade depende basicamente de nossa postura interior; de nossas próprias ações. Pelo menos na maior parte dos casos permanecemos numa zona de conflito porque assim desejamos. Se não há agente agressor não há conflito. O mesmo ocorre se não há resistência a este. Etimologicamente a palavra conflito se origina do latim *conflictus*, participio passado de *confligere*, formada por *com* (junto) e *fligere* (golpear, atacar).

Se todos amam a tranquilidade porque da discórdia? (Do latim *discordia*; *dis* = fora do *cor* = coração). Pelo que expusemos no parágrafo anterior, conflito e orgulho estão fortemente interrelacionados. É bem possível que uma linha de raciocínio similar seja a responsável pelo incentivo de Jesus à paz, à humildade e à mansidão. Felizes os mansos e humildes porque herdarão a terra da promessa. Mt 5,5 Felizes os promotores da Paz, porque serão chamados filhos de Deus. Mt 5,9

A comunicação é uma ação. É um procedimento. É uma conduta. As palavras tem força: um líder político, como é fácil observar no presente e por meio da história, é capaz de mover multidões meramente através de seu discurso.

Na medida do bom senso, falamos o que pensamos e sentimos. No entanto, como ilustrado em outro texto, e recíproca é verdadeira. Terminamos por nos convencer daquilo que falamos. E na medida em que nos convencemos de algo, passamos a agir em conformidade com esta crença. Daí a importância das palavras e a origem provável do incentivo efetuado por Jesus: Os homens darão conta no dia do Juízo, de toda a palavra inútil ou má que tiverem pronunciado. Conforme as tuas palavras serás declarado justo ou condenado. Mt 12,34-37

A exploração da relação existente entre nosso mundo interior, subjetivo e o mundo exterior merece a elaboração, ao menos, de todo um capítulo. Nossos órgãos de sentidos captam os estímulos oriundos do mundo exterior, porém toda a interpretação de tais estímulos é interior. Nada do captado tem intrinsecamente algum conteúdo emocional ou alguma base racional de valor.

Sendo assim, o estudo da natureza de nossas percepções subjetivas de uma realidade essencialmente neutra, apresenta a grande utilidade de nos permitir efetuar um diagnóstico daquilo que consideramos o nosso próprio ser, isto é, da realidade interna na qual vivemos. Possivelmente para nos fornecer uma ferramenta útil de diagnóstico de nós mesmos, Jesus há cerca de 2.000 anos, nos chama a atenção para isto. Se teus olhos estão bons (vêm o lado bom dos acontecimentos; as coisas de modo positivo, de modo otimista), todo o teu corpo (ser) estará na luz. Se teus olhos estão doentes (vêm a face ruim dos acontecimentos; as coisas de modo negativo, de modo pessimista), todo o teu corpo (ser) estará nas trevas e quão grande serão estas trevas. Mt 6,22-23

Tomemos a liberdade de tentar analisar um pouco mais esta questão. Nas palavras figuradas de Jesus acima expostas, podemos conceber uma estrutura composta de três entes. O observador (os olhos do sujeito), a parte passiva do sujeito (luz e trevas) e a realidade externa (o que é observado). Com esta estrutura, pelas palavras encontradas em Mateus, o sujeito observa a realidade através de seu mundo passivo interior, colorindo a realidade exterior em conformidade com ele.

Surge então uma pergunta: o que condiciona a parte passiva do sujeito? Para respondê-la somos levados a reconhecer um quarto elemento estrutural, qual seja uma parte ativa do sujeito que promove ações adequadas ou inadequadas por meio da

vontade pessoal. Um dos fatores condicionantes das características desta parte passiva, seria a frequência e a qualidade de tais atitudes e estas podem estar voltadas a duas direções. Podemos voltar nossas ações para o próprio mundo interior, cultivando sentimentos e pensamentos mais adequados.

No entanto, por mais espantoso que possa parecer, pensadores respeitáveis defendem a ideia que através de atitudes adequadas dirigidas ao mundo exterior, terminamos por tornar melhor a parte passiva de nosso mundo interno. Podemos considerar que é na resposta à questão de quais seriam as atitudes adequadas capazes de promover uma melhoria de nossas percepções subjetivas, por exemplo, o aumento de nossa felicidade e bem estar; é na resposta a esta questão, que nos dedicamos no presente curso de Ética.

Já circulou nas redes sociais um fluxograma lógico que cabe aqui recordar: A primeira questão é: você tem um problema? Se a resposta for não, a conclusão é a de que então não há razão para se preocupar. Caso a resposta seja sim, surge então uma nova pergunta: Tal problema tem solução? Se a resposta for não então não há motivo lógico para se preocupar (pré - ocupar). Se a resposta for sim, poderíamos até introduzir uma nova questão: O problema vai terminar sendo resolvido? Se a resposta for sim então não há porque se preocupar. Se ao contrário, por um motivo qualquer o problema apesar de solucionável, não for resolvido, da mesma forma não há por quê; de nada adianta se preocupar.

Ou seja, as preocupações apenas ocasionam desgaste emocional e não trazem qualquer benefício concreto racional. Assim encontramos a recomendação de não se preocupar: Não se preocupe (pré – ocupar). Se dedique à Justiça (que penso poder ser traduzido por ética) e tudo se resolverá. A cada dia bastam as suas penas. Mt 6,25-34

Só há um modo de não realizar atos falhos que é o de não realizar atos de modo algum. Se não enfrentarmos nosso medo de errar, absolutamente nada realizaremos. Por sua vez, como já comentado, é por meio de atitudes que podemos ser propriamente éticos e também é por meio de atos que podemos nos desenvolver e nos auto-realizar. Neste sentido temos a exortação de fazer crescer nossos próprios talentos, que pode ser encontrada em Mateus 25,14-30

Me parece ser fácil entender que não há nada de racional em lamentarmos um estado presente eventualmente indesejado ou desfavorável. Por outro, igualmente não é sábio não procuramos melhorar a qualidade deste estado desde que isto seja possível e adequado. No dizer de um antigo provérbio, que tem sido apresentado em diferentes versões ao longo do séculos, por pensadores das mais diferentes linhas de pensamento: Concedei-nos, Senhor, a Serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar. Coragem para modificar aquelas que podemos, e Sabedoria para distinguir umas das outras. Se acreditarmos na veracidade de alguns apócrifos, o destino de Jesus seria o de construtor, por certo muito bem sucedido, tal como o de seu pai e irmãos. Ou então um líder por certo muito conceituado, de alguma comunidade sacerdotal. No entanto nenhum destes destinos foi de seu agrado e por meio de sua vontade e ação um outro bem diferente se descortinou. Se julgarmos verdadeiras as narrativas de cura realizadas por Jesus, estas só ocorreram porque os doentes acorreram a ele.

Por outro lado, pelas narrativas que podem ser lidas, Jesus ao efetuar a sua última viagem a Jerusalém, aceitou voluntariamente o destino de ser assassinado, o que foi doloroso e pode ser avaliado como algo desfavorável, mas que foi avaliado por ele como um acontecimento adequado. Caso contrário bastaria, por exemplo, não ter realizado tal viagem, ou então por maior segurança, ter-se mudado de nação. Daí a relevância da assim chamada Oração da Serenidade ao analisarmos os dizeres: Quem não toma sua cruz e não me segue (seus exemplos; seus ensinamentos) não é digno de mim. Mt 10,38

Como mencionaremos mais uma vez em outra parte desta discussão, a leitura dos textos que nos servem de referência, permite concluir, que em resumo, toda a parcela conhecida da vida de Jesus foi dedicada a amenizar alguma forma de sofrimento alheio, ou ignorância por meio da instrução.

Creio que já discutimos o suficiente quanto ao binômio altruísmo e egoísmo. Neste sentido podemos ler: Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo (ou seja, ao egoísmo), tome a sua cruz e siga-me (seus exemplos e seus ensinamentos) Mt 16,24. Cabe lembrar que o egoísmo ou egocentrismo; ter-se como foco da atenção, é condição básica para o orgulho, e como comentado, o orgulho pode ser considerado a fonte de todos os males humanos.

Quem quiser conservar a sua vida (seus interesses egoístas, menores e materiais) a perderá; e quem, por amor de mim, perder a vida, a reencontrará. Mt 10,39 Mt 16,25 Que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se com isso perder a sua vida? Mt 16,26. Lc 12,13-21

As afirmações imputadas a Jesus, bem como o que é conhecido de sua própria vida nos fazem crer, que para ele o sentido profundo da existência se encontra nos valores humanos e não nos bens materiais. Os valores humanos fazem parte do mundo interior do ser. É deste mundo a origem das percepções de felicidade, bem estar, auto realização e desenvolvimento pessoal. De que a vida está fazendo algum sentido ou não. Se uma pessoa deprimida, mas com bons recursos materiais pode curtir sua depressão em Paris ou no Havaí, tal fato não altera a realidade de sua desolação.

Podemos observar pobres e ricos, tanto felizes como infelizes. Portanto não é a riqueza ou a pobreza que condiciona a qualidade da vida subjetiva de alguém. Já a riqueza tende a condicionar nossa maior ou menor liberdade e poder de ação. Como vimos, as ações por sua vez, tendem a condicionar o estado de nosso mundo interior. Assim o relevante parece ser não a pobreza ou a riqueza em si, mas sim o que fazemos com elas e por quais meios chegamos a elas.

Relacionadas a tais considerações, temos alguns pensamentos que podemos encontrar em Mateus. Não junteis tesouros na terra (materiais) mas no céu (espirituais). Onde estiver o teu tesouro, ali estará também o teu coração (alma). Mt 6,19-21

Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis (conseguires) servir a Deus (cultivar o espírito) e a Mamom ao mesmo tempo. Mt 6,23-24

Mamom em termos mitológicos é um dos sete servos do demônio e representa a cobiça, a ganância, a sede de lucro, que tende a resultar na avareza. A pensamento de Jesus pode ser considerado como sugerindo que não se obtem bons resultados caso nos

deixemos nos escravizar pelo amor à riqueza material ou então que suavizemos nossas inseguranças naturais, depositando a nossa confiança nas mesmas.

Num cunho absolutamente não religioso é fácil observar que inúmeros indivíduos vendem a sua própria alma, seus anseios, seus sonhos, seus ideais, sua liberdade, sua felicidade, seus amores, ... em prol de um relativo bem estar material.

Jesus numa análise atenta e contrariamente ao que se propaga hoje, se opôs a uma série de regras então vigentes da fé judaica e atualmente contidas no Velho Testamento. A proposta de abolição da lei do Talião, de reciprocidade exata de males é um claro exemplo. Podemos ler nos textos: Ao invés disto, não resistir. Não revidar. A quem te pede uma coisa, dá. Mt 5,38-42

Quanto a amar o próximo e odiar o inimigo: Ao invés disto, amar os inimigos e rezar pelos perseguidores. Mt 5,43-48

Fazei o bem aos que vos odeiam; falai bem dos que falam mal de vós; rezai pelos que vos difamam. A quem te bater numa face, oferece a outra. Não reclames de quem tira o que é teu. Lc 6,27-35

O choque de seus pensamentos com a moralidade e conjuntura vigente foi o responsável por sua condenação e morte. Caracterizou-se por uma liderança indesejável para Roma visto que grandes multidões começaram a segui-lo, conforme Mt 4,25 e outras passagens. Digno de nota é o fato histórico de que todas as lideranças contemporâneas a Jesus, ou de períodos próximos, tiveram o mesmo destino.

Violou abertamente o mandamento do sábado, um dos dez da lei mosaica. Apenas isto bastaria para sua execução. Neste sentido afirmou que o "filho do homem" é senhor do sábado. É permitido fazer o bem em dia de sábado. Mt 12,1-14. O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado. Mc 2,27 e outras passagens.

Violou as leis de pureza então vigentes, declarando que não é o que entra pela boca e sim o que sai dela, o que torna o homem impuro. O que sai da boca vem do coração. Do coração procedem maus pensamentos, homicídios, adultérios, prostituições, roubos, falsos testemunhos e injúrias. Mt 15,1-17. Purifica primeiro o interior do corpo, para que também o exterior se torne limpo. Mt 23,25-26

Violou a norma de executar os que violavam as normas morais então em vigor, como na passagem da adúltera prestes a ser apedrejada. (Quem dentre vós estiver sem pecado, atire a primeira pedra... Jo 8, 1-11)

Aparentemente violou o primeiro mandamento, colocando-se à altura de Deus. (Sois o Cristo, o Filho do Deus vivo. Mt 16,16.

Vereis o Filho do homem sentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu. Mt 26,64 És o Santo de Deus. Mc 1,24. e outras passagens. Meu Pai continua a trabalhar até agora, por isso eu também trabalho. Jo 5,17). Eu e o Pai como um (mas o Pai é maior do que eu).

Como último exemplo, entrou em choque com o comércio no Templo de Jerusalém, que favorecia os levitas. Mt 21,12-13. Mc 11,15-19.

A observação das três diferentes correntes de pensamento que o condenaram à morte pode ser instrutiva para nossa própria conduta na atualidade.

A primeira que se destaca é o choque com a ética deontológica então em vigor. Ou seja, como visto acima, a violação da ética prática, dos costumes e das leis vigentes (violação da moral).

A segunda é o emprego da ética utilitarista, que será apresentada em outro texto. Isto fica claro na passagem de seu julgamento relatado por João. A ética utilitarista defende que um procedimento é tanto mais ético quanto maior for o bem proporcionado para o maior número de pessoas. Tal linha de pensamento é muito empregada atualmente, principalmente pelos grupos mais esclarecidos que dirigem o destino de coletividades humanas. Por ela, por exemplo, a morte de um indivíduo é justificável caso em contrapartida se evite a morte de um grande número de outros. Exatamente foi este um dos argumentos responsáveis pela condenação do Mestre. "Que faremos? Este homem está fazendo muitos sinais. Se o deixarmos continuar assim, todos crerão nele, depois virão os romanos e destruirão nosso lugar santo e nossa nação. É melhor para vós morrer um só homem pelo povo, do que ser destruída toda a nação." Jo 14,47-50

A última das razões em destaque para a condenação, foi a necessidade política de descarte de uma liderança (um rei), possível precursor de um levante contra Roma. Tal caracterização fica clara quando de sua entrada em Jerusalém: Bendito o que vem em nome do Senhor, o Rei de Israel. Jo 12,13 Ao longo de seu julgamento sua afirmação também vale a pena ser mencionada: "Tu o dizes, eu sou rei. Para isto nasci. Para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade." Jo 18,37 Por fim a situação perigosa na qual as lideranças judaicas colocaram o representante local do poder de Roma: "Se o soltares, não serás mais amigo de César: todo aquele que se faz rei se opõe a César." Jo 19,12

A análise do comportamento do próprio Jesus, conforme documentada, também me parece oportuna. Nos quatro evangelhos, em pelo menos a enorme maioria dos relatos, duas ações podem ser facilmente observadas, as quais são a remoção do sofrimento humano e o ensino. Não me parece ser questionável que a remoção do sofrimento seja uma atitude benéfica. Por outro lado a atitude de esclarecer consciências também é algo bom. Neste caso merece destaque o pensamento socrático de que todos os erros humanos e suas mazelas se devem à ignorância.

Quanto ao conteúdo ensinado, independentemente de minha convicção pessoal de que são verdadeiros, principalmente se adequadamente estudados, me parece oportuno retomar o conceito de Kant, de que o ético depende basicamente da motivação de quem realiza a ação. Como também me parece de muito difícil questionamento as boas intenções de Jesus, pode-se concluir que ao longo dos cerca de três anos em alguma medida conhecidos da sua vida, ele dedicou-se fortemente a praticar exatamente o que defendia. Ou seja, a fazer o bem. E como é bem razoável supor que ele não julgasse bom o sofrimento ou a ignorância, dedicou-se a fazer o bem ao próximo como gostaria que fosse feito a ele, caso se encontrasse na mesma situação.

Para ilustrar tal comportamento, cito dentre inúmeras opções: "Jesus circulava por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, proclamando a Boa Nova do Reino e curando toda a espécie de doença e enfermidade que havia no povo." Mt 4, 23-24 ; Lc

6,18-19. Ou então, "cegos recobram a vista e coxos andam; leprosos são curados e surdos ouvem; mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres." Mt 11,5 ; Lc 7,21-22

Outra atitude que gostaria de destacar, seria a sua conduta compreensiva e não preconceituosa. Quanto a isto podemos observar que tinha como seguidor proeminente um ex-cobrador de impostos de Roma. Ou seja, um indivíduo que outrora auferia benefícios pessoais, auxiliando o invasor estrangeiro a sugar continuamente os recursos da colônia. Convivia com pecadores conhecidos. (Lc 7,36-39) e se aproximava de samaritanos (Jo 4,39-40), povo que como já comentamos era mal quisto pelos judeus, por sua etnia, religião e costumes distintos.

Outro ponto de destaque é o da universalização da idéia de próximo e de irmão, como a parábola do bom samaritano nos permite ver. Lc 10,25-37

A título de conclusão, Jesus, ao longo dos três anos conhecidos de sua existência, se opôs a uma série de pontos do judaísmo e criou uma nova religião.

Se caracterizou como em união com o Altíssimo; como mensageiro Deste; como transmissor da Verdade; e como exemplificador do caminho que conduziria à verdadeira vida.

O ponto central de sua religião é amar o próximo como a si mesmo. Este é um princípio geral, que seguido, penso acarretaria no cumprimento da maioria das normas específicas de comportamento defendidas por Jesus, como também, por uma série de outras correntes morais e religiosas e pela maioria dos princípios éticos e filosóficos vigentes. É portanto, uma chave geral da ética e da moral.

Perdoar sempre, não julgar e devolver sempre amor em troca do ódio. Tais pontos, também destacados na religião de Jesus, teriam pelo menos a princípio, a capacidade de promover a plena harmonia do indivíduo com o seu ambiente externo e também a plena paz e tranquilidade no universo interior de cada um.

Jesus enfatiza a importância das ações e defende que é através dos atos, que podemos avaliar a nós mesmos e os demais. Defende a beneficência e a misericórdia e garante que tais condutas serão retribuídas e recompensadas. Enfatiza a importância das palavras e da despreocupação. Defende que o sentido profundo da existência é encontrado nos valores humanos e espirituais e não nos materiais. Por fim, defende também a aceitação, o que ao nosso ver não significa não tentar modificar, as ocorrências objetivas da existência eventualmente inadequadas.

Outros pontos foram destacados nos textos estudados porém não foram expostos aqui. Dentre eles os de cunho religioso, teológico, cosmológico, bem como outros que a consciência de minha inabilidade mostrou a impossibilidade de uma adequada análise. Neste conjunto temos a recomendação de não tirar proveito da ação religiosa ou caritativa Mt 6,1-6. Mt 6,16-18; limpidez interior Mt,5,8 ; o valor da espontaneidade e inocência Mt 18,1-5 Mt 19,14 ; a recomendação de prudência e de simplicidade Mt 10,16 e a regra da retribuição, tanto pelas boas quanto pelas más ações Mt 26,52.

### Fontes bibliográficas

- Bíblia Cristã. Diversos autores.

- Theissen, Gerd; Merz, Annette. O Jesus Histórico. [Título Original: Der historische Jesus – Ein Lehrbuch, 1996] Edições Loyola. 2ª edição. 2004. ISBN 85-15-02181-1.

Paul Fernand Milcent  
Um seu amigo